

Questão Frege

Explique e exemplifique a distinção proposta por Frege entre sentido e referência. Considerando esta distinção, o que podemos dizer a respeito do seguinte argumento?

- i) Mary Jane acredita que Peter Parker é um ótimo fotógrafo.
- ii) Peter Parker é o Homem Aranha.
- iii) Logo, Mary Jane acredita que o Homem Aranha é um ótimo fotógrafo.

Gabarito

A distinção proposta por Frege entre sentido e referência tem como ponto de partida compreender a diferença em valor cognitivo entre expressões como *a* e *b*, a seguir:

- a) "Peter Parker = o Homem Aranha"
- b) "Peter Parker = Peter Parker"

De certo, parece intuitivo dizer que *b*, diferentemente de *a*, não é informativa. *b* é necessariamente verdadeira e pode ser conhecida *a priori*, mas *a* não pode ser conhecida *a priori*. Entretanto, como distinguir as expressões *a* e *b*? A princípio, ambas falam exatamente da mesma coisa. A distinção entre sentido e referência permite explicar esta diferença.

O sentido de uma expressão consiste no modo pelo qual a referência é apresentada, enquanto a referência de uma expressão é o objeto ele mesmo apresentado por meio da expressão. Frege ilustra a distinção entre sentido e referência com a analogia do telescópio. O telescópio captura o objeto espacial na lente e o observador pode ver a imagem do objeto com seus próprios olhos através do telescópio. Note que a imagem do objeto no telescópio não é o próprio objeto, mas tampouco se identifica com a imagem na retina do observador, ela é objetiva e pública. O objeto é a referência, a imagem na lente do telescópio é o sentido e a imagem na retina são nossas representações subjetivas.

Outro aspecto importante da teoria é que, para Frege, toda expressão deve possuir tanto sentido quanto referência. Isto é especialmente forçado por dois princípios adotados por Frege, o PCS (Princípio de Composicionalidade do Sentido) e o PCR (Princípio de Composicionalidade da Referência). De acordo com estes princípios, o valor semântico de uma expressão (sentido/referência) é função do valor semântico (sentido/referência) de suas partes. Por exemplo, o sentido da expressão "Xinforímpolas não dissolvem na água" depende essencialmente do sentido da expressão "Xinforímpola", de tal forma que, se você não compreende o sentido da segunda, não pode compreender o sentido da primeira. Isto levou Frege a assumir, em sua ontologia, a existência independente e extra mental de objetos abstratos como o Verdadeiro e o Falso. Tais objetos são as referências de sentenças completas.

Uma consequência *prima facie* do PCR e da tese de que toda expressão tem uma referência é que se substituirmos, em qualquer contexto, uma expressão e_1 por outra expressão e_2 com a mesma referência, então a referência no contexto como um todo é

mantida. Por exemplo, como “Aristóteles” tem a mesma referência que “O mais ilustre discípulo de Platão”, então as sentenças “Aristóteles nasceu em Estagira” e “O mais ilustre discípulo de Platão nasceu em Estagira” possuem a mesma referência, qual seja, o Verdadeiro.

No limite, a tese de que toda expressão tem uma referência também é tensionada por Frege em relação à linguagem natural. Expressões como “unicórnios”, “o maior número primo”, “o atual rei da França” e “Homem Aranha” parecem apontar para lugar nenhum, ao menos não apontam para objetos existentes na realidade concreta e extra-mental (não ficcional). Nestes casos, Frege reconhece que a expressão não refere, mesmo que tenha sentido. Como consequência, em virtude do PCR, sentenças nas quais estas expressões ocorrem não possuem valor de verdade, não são verdadeiras nem falsas. Uma forma de analisar o argumento i-iii do enunciado, portanto, consiste em dizer que não podemos avaliar a validade do argumento, na medida em que as sentenças constituintes não possuem referência. Como veremos, entretanto, o argumento do enunciado levanta um outro problema.

Finalmente, o enigma apresentado no enunciado da questão é conhecido na literatura como Enigma de Frege. O problema consiste em explicar a invalidade intuitiva de um argumento que se apresenta como formalmente válido. De fato, parece intuitivamente possível que as premissas i e ii sejam verdadeiras, enquanto a conclusão iii é falsa. Isto acontece, porque da verdade de ii não se segue que Mary Jane saiba que ii é verdadeira. Não obstante, note que iii resulta simplesmente de substituir em i a expressão “Peter Parker” por “o Homem Aranha”, mas se ii é verdadeira, ambas possuem exatamente a mesma referência. Deste modo, como é possível que i e ii sejam verdadeiras enquanto iii é falsa?

A resposta de Frege para este enigma consiste em admitir que tais casos constituem exceções ao PCR. A exceção se deve à especificidade dos contextos nos quais ocorrem verbos de atitudes preposicionais como “sabe que”, “acredita que”, “pensa que”, etc. Nestes casos, a referência de uma expressão passa a ser o seu sentido usual. Quando uma expressão ocorre em tais contextos, uma atitude proposicional é atribuída a um sujeito em relação a um sentido. Por esta razão, a substituição da expressão sob tais contextos não preserva necessariamente a referência do todo com outras expressões com a mesma referência. De todo modo, substituir em tais contextos expressões com o mesmo sentido preservaria a referência do contexto como um todo.

A distinção fregiana entre sentido e referência e sua solução do enigma acima apresentado inaugurou uma nova tradição de problemas na Filosofia da Linguagem e até hoje o seu texto é uma porta de entrada em vários assuntos abordados pela tradição analítica.